

Encontro na porta da escola

LEONARDO BICALHO/AT

Exploradas por
agenciadores,
estudantes
são prostituídas
e usam senhas
para atrair clientes

ELISA RANGEL

Blusa vermelha, bermuda com a barra dobrada, acessórios coloridos nos braços. Depois de vestida e arrumada, a menina ou a adolescente sai de casa com destino à escola, mas mata a aula e fica em frente ao prédio da instituição de ensino.

Depois de alguns minutos, um carro pára. O motorista do veículo abre o vidro da janela e diz algumas palavras à estudante, que entra no carro e sai com ele.

Essa situação exemplifica como as garotas de programa estão agindo no Estado para conseguir clientes. A informação é da juíza Patrícia Pereira Neves, do Juizado de Infância e Juventude de Vila Velha.

Toda ação das garotas de programa é orientada pelos agenciadores delas. São eles que distribuem as senhas e os códigos para as estudantes, como também para os clientes.

Depois de aliciar as menores na porta das escolas, com a falsa promessa de que se prostituindo vão ganhar dinheiro rápido e fácil, o agenciador combina com as estudantes que durante cada semana terão que vestir ou usar um determinado tipo ou cor de roupa, como também um acessório.

Tudo isso é para que os clientes as identifiquem com mais facilidade quando passarem em frente a escola. Além da roupa, um outro código também é usado. Todos os dias, os aliciadores combinam com os clientes

“Elas tiram o uniforme no carro”

O morador de um bairro de Vila Velha, que pediu para não ter o nome divulgado com medo de represálias, tem acompanhado há pelo menos três anos a ação de estudantes que são garotas de programa.

Nesta entrevista, ele conta alguns dos códigos que elas estão usando para facilitar a identificação com os clientes e denunciou que mães têm incentivado as filhas a se prostituírem.

A Tribuna – É fácil identificar nas escolas casos de alunas que estão se prostituindo?

Morador – Não é difícil. As meninas saem de casa em uma semana usando o uniforme, mas por baixo da blusa vestem uma outra de cor verde, por exemplo. Na semana seguinte é a mesma coisa, mas usam uma blusa de ou-



Uma adolescente mostra como espera o cliente na porta da escola

tra cor ou um acessório diferente, como uma pulseira colorida.

Essas são as senhas para serem identificadas mais facilmente pelos clientes. Quando saem para os programas, elas tiram a blusa do uniforme dentro do carro do cliente e ficam com a outra blusa que está por baixo. Outra senha é dobrar uma das pernas da bermuda, e isso não é apenas entre as meninas, mas também com os meninos.

– **Onde essas meninas esperam pelos clientes?**

– Geralmente na porta da escola, mas algumas vão para ruas atrás da escola para não serem notadas. Em alguns bairros, existem, por exemplo, histórias de carros pretos que ficam rondando a escola. Já identificamos que na verdade esses motoristas são clientes das garotas

que, antes de irem à escola, terão que passar em um local próximo para saber a senha do dia.

CELULAR

Depois de informada a senha, o agenciador liga para o celular da estudante e fala quem é o cliente, em que carro ele está e qual a senha que ele dirá.

– **O cliente pára na frente da escola. Ele já sabe quem é prostituta pela roupa e acessório que ela está usando. Depois fala a senha, que é confirmada pela estudante, e os dois saem para o programa”, narrou a juíza.**

A Justiça chegou a essas in-

formações através de denúncias anônimas e já conseguiu identificar algumas escolas onde estão acontecendo esse tipo de crime. Um agenciador já foi preso.

A denúncia é confirmada pela delegada Lana Lages, da Delegacia de Proteção à Criança e ao Adolescente (DPCA).

– **Isso não acontece apenas em bairros carentes, mas também onde moram pessoas de classe média alta na Grande Vitória. É importante lembrar que o crime é cometido pelo agenciador, que alicia as estudantes à prostituição. Elas são vítimas perante a lei”, explicou.**

de programa.

– **Os aliciadores também são estudantes?**

– As meninas que já estão há mais tempo no mundo da prostituição convencem outras colegas de escola de que os programas que fazem são fáceis e que rendem um bom dinheiro. Elas são as aliciadoras mais fortes porque estão dentro da escola.

Já vi casos de meninas chorando nas portas de escolas e em ruas próximas porque saíram de um programa traumatizadas.

– **As mães sabem que as filhas estão se prostituindo?**

– Muitas mães incentivam as filhas a fazer programas e até ameaçam colocá-las na rua se elas ficarem grávidas, porque vão ficar meses sem trabalhar.

Programa sai por R\$ 1,99

Misto-quente, cachorro-quente, R\$ 1,99 e até mesmo uma carona para voltar para casa. Esses são alguns preços que meninas cobram de seus clientes para um programa.

Segundo a delegada Lana Lages, titular da Delegacia de Proteção à Criança e ao Adolescente (DPCA), os valores cobrados podem também ultrapassar a quantia de R\$ 500,00.

No mercado da prostituição o que vale mais é a virgindade da menina, mas também a beleza física e o que ela está disposta a fazer pelo cliente.

De acordo com a coordenadora do Centro de Apoio da Infância e Juventude do Estado, a promotora de Justiça Patrícia Calmon Rangel, as que cobram mais caro são as que ainda são virgens.

– **As meninas que ainda são virgens são as mais valiosas porque são as mais procuradas. A fantasia sexual de muitos homens faz com que eles paguem o que as garotas de programa e o agenciador delas pedem. Elas**

são para clientes especiais”, contou Patrícia Rangel.

Já a delegada Lana Lages disse que na DPCA já foram registrados casos de meninas que estavam em festas e aceitaram fazer programas com homens para poderem voltar para casa de carro. “Vendem o corpo por uma carona”, declarou a delegada.

No Espírito Santo existem ao todo 6,9 mil profissionais do sexo, entre garotas de programas e travestis. O dado é referente ao ano 2000 e foi passado pela presidente do Sindicato das Minorias Sexualmente Discriminadas, Maria da Glória R.M., a Glorinha.

– **O valor que cada uma cobra é uma escolha das meninas e de seus agenciadores. Quero ressaltar que o fator que leva uma mulher a se prostituir é a exclusão social. A falta de emprego e a falta de estrutura mínima para viver são os fatores que levam muitas meninas e adolescentes a entrarem nesse mundo”, disse Glorinha.**

A Tribuna motivou CPI

Para investigar ainda mais os crimes cometidos contra menores no Espírito Santo, deputados da Assembléia Legislativa criaram a Comissão Parlamentar de Inquérito (CPI) da Criança e do Adolescente. A CPI foi criada após reportagem de **A Tribuna**.

Os trabalhos começaram no dia 23 de setembro deste ano e um dos objetivos é descobrir quem está por trás da exploração sexual infantil no Estado. Um disque-denúncia foi criado para receber informações a respeito desse tipo de crime. O número é 0800 283 99 93.

A CPI da Criança e do Adolescente foi aberta depois que a **A Tribuna** publicou reportagem especial, no dia 11 de agosto deste ano, denunciando que mulheres capixabas estariam sendo levadas para a Europa, onde são exploradas como prostitutas e mantidas como escravas.

DENÚNCIAS

De acordo com o presidente da CPI, o deputado estadual Edson Vargas, mesmo com menos de 15 dias de instaurada, a Comissão já recebeu denúncias importantes. “Há denúncias até de envolvimento de empresários e políticos com a prosti-

tuição infantil”, contou.

O primeiro depoimento prestado à CPI foi o da coordenadora do Centro de Apoio da Infância e Juventude do Estado, a promotora de Justiça Patrícia Calmon Rangel.

Ela informou sobre como funcionam as redes de prostituição no Estado e denunciou a conivência de comerciantes, como donos de hotéis e postos de gasolinas.

– **Mostramos também que muitos apartamentos, principalmente em Jardim da Penha (Vitória) e Itaparica (Vila Velha) são alugados com uso exclusivo para a prostituição”, contou a promotora.**

O turismo sexual no Estado e a ação de falsos fotógrafos que atraem meninas com a promessa de que vão entrar para o mundo da moda também foram denunciados por Patrícia Rangel.

Amanhã, a presidente do Conselho Estadual dos Direitos das Crianças e dos Adolescentes, Vânia Tardin de Castro, vai prestar depoimento.

Em Brasília, deputados federais e senadores estão à frente dos trabalhos da CPI Mista que investiga a violência e a exploração sexual de crianças e adolescentes, criada em junho deste ano.

DENUNCIE

Ligue para o disque-denúncia da CPI Estadual da Criança e do Adolescente e, sem ser preciso se identificar, denuncie a violência contra crianças e adolescen-

tes, como: violência física, violência psicológica, abuso sexual, exploração sexual e negligência.

O telefone é: 0800 283 99 93